

A FAUNA DE SCHWEBLIN: ANIMALIZAÇÃO EM CONTOS FANTÁSTICOS

CAROLINA SALDANHA NUNES¹; ALINE COELHO DA SILVA²

¹UFPEl – carolinacsn@hotmail.com

²UFPEl – silva.aline.coelho@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Samanta Schweblin é uma reconhecida autora argentina que, através de uma escrita impactante, tem abordado diversos tópicos - entre eles, destaca-se aqui a animalização dos personagens e seus efeitos de sentido -, deixando, assim, sua marca no cenário da literatura fantástica atual (CERON, 2018). Considerado um termo multifacetado devido à diversidade de definições às quais pode ser associado, o fantástico compreende uma gama variada de textos, dependendo de qual perspectiva teórica em questão for adotada (ROAS, 2014). E, pensando na contística de Samanta Schweblin, podemos ver refletida tal heterogeneidade também em suas obras, que são passíveis de serem encaixadas dentro de concepções distintas, dependendo do contexto.

Buscando, entretanto, estabelecer pontos de conexão entre os variados ângulos de vista acerca do fantástico nesse primeiro momento, podemos observar como característica básica em grande parte desses a construção de um mundo ficcional verossímil ao extratextual, que será eventualmente perturbada pela transgressão de tal "realidade", resultando no surgimento do medo por parte seja de leitores, seja de personagens (ROAS, 2014). Cabe observar ainda que a ideia de realidade é usada aqui no sentido de uma visão de mundo socialmente compartilhada em determinado contexto, e que, ao ser afetada pelo irrompimento do insólito, torna-se fonte de inquietação justamente pela ruptura desse senso comum até então firmemente estabelecido (ROAS, 2014).

Dentre as distintas perspectivas teóricas acerca do fantástico, uma definição considerada "clássica" por sua grande relevância nos estudos sobre o tema é a de Todorov, cujo aspecto de maior destaque é a presença da vacilação como condição fundamental para a constituição do fantástico (ROAS, 2014). Segundo o autor, é a permanente hesitação entre uma explicação sobrenatural ou natural que caracteriza esse gênero (ROAS, 2014). Todavia, outros estudiosos tecem críticas em resposta à tal classificação, sob a premissa de que, por seu caráter restritivo, eliminaria radicalmente a possibilidade de diversos textos serem considerados fantásticos (ROAS, 2014). Nas palavras de Roas (2014, p. 43), "a vacilação não pode ser aceita como único traço definitivo do gênero fantástico, pois não comporta todas as narrativas que costumam ser classificadas assim".

Outra ressalva dentro dessas novas perspectivas do fantástico é a atualização das representações do medo na contemporaneidade, possibilitando sua presença em um texto sem a obrigatoriedade de relação com a ideia de sobrenatural: "com o passar do tempo foi se tornando necessário empregar novos recursos, técnicas diferentes, mais sutis, para comunicá-los, despertá-los ou reativá-los, e, com isso, causar a inquietude do leitor" (ROAS, 2014, p. 149-150). Assim, adota-se o termo "metaempírico" para referir-se a tais manifestações que, ainda que insólitas, não dependem da presença do impossível que caracteriza tal "sobrenatural tradicional" (FURTADO, 2009). Outra autora que defende ideias semelhantes é Barrenechea (1972), que prevê como característica do fantástico

não só a quebra de leis físicas, como também de leis lógicas que regem nosso mundo, resultando igualmente em inquietação perante tais transgressões.

Tratando-se, então, dos contos de Schweblin, encontraremos tanto textos que, assim como *Mariposas* (2020), encaixam-se em um molde de fantástico clássico - semelhante ao previsto por Todorov -, quanto textos como *Pássaros Na Boca* (2022), mais alinhados às novas perspectivas que vieram em sequência. O que ambos possuem em comum, todavia, é a evocação do medo através da animalização, presente na caracterização dos personagens, recurso já familiar à literatura fantástica, permeada por "figurações de animais [que] evocam formas seculares de zoomorfização [...], realçando a dualidade humano e inumano num só corpo ou a fusão entre selvageria e civilização" (SILVA, 2017, p. 46).

Dito isto, o objetivo do presente trabalho - ação desenvolvida no projeto de pesquisa "Literatura latino-americana escrita por mulheres no século XXI – narrativas e construção da memória latino-americana", coordenado pela orientadora Aline Coelho da Silva - é, primeiramente, observar como os textos de Schweblin relacionam-se às diferentes perspectivas do fantástico apresentadas, atentando ao contraste entre ambas. Além disso, pretende-se também considerar de que forma a animalização presente na representação dos personagens contribui para o fomento da inquietação gerada a partir de tais elementos insólitos apresentados na narrativa.

2. METODOLOGIA

Em busca de tais objetivos, primeiramente foi realizada uma revisão bibliográfica acerca da escritura de Samanta Schweblin e do fantástico, considerando as próprias estruturas e simbolismos característicos deste último como aspectos de análise da obra literária. Em seguida - em paralelo com a leitura dos textos literários da autora antes citados, os contos *Mariposas* e *Pássaros Na Boca* -, foi feita uma análise qualitativa baseada em tais observações, a fim de atingir as metas preestabelecidas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Iniciando a discussão de resultados por *Mariposas* (SCHWEBLIN, 2020), podemos observar no conto uma construção do fantástico que aproxima-se ligeiramente daquela definida por Todorov. Na narrativa, dois pais - Calderón e Gorriti - aguardam a saída de seus filhos frente à escola. Enquanto Calderón elogia, orgulhoso, sua filhinha - ressaltando o quão adorável está na ocasião, usando um vestido combinando com a cor dos olhos -, acaba capturando, de forma bruta, uma borboleta que o rodeava, com o intuito de mostrá-la à filha depois. Devido ao seu manejo descuidado, a asa do animal se parte, e - após apelos de Gorriti para que acabe logo com o sofrimento do inseto - Calderón pisa em cima dela, por fim. Entretanto, antes que tivesse a oportunidade de mudar o pé de lugar, o cenário aparentemente cotidiano é abalado pela irrupção de um acontecimento insólito: ao abrir das portas, saem voando dezenas de borboletas, de todos os tipos e cores, em direção aos demais responsáveis que esperavam também por seus filhos. Calderón, entretanto, permanece imóvel, apavorado com a ideia de levantar seu pé e "*reconocer en sus alas muertas, los colores de la suya*" (SCHWEBLIN, 2020, p. 36). Percebemos, então, que a natureza do acontecimento que perturba a realidade deste mundo ficcional semelhante ao nosso nunca é totalmente explicada: assim como o pai hesita em levantar o pé

para verificar se a borboleta é ou não sua filha, os leitores também hesitam quanto à possibilidade sobrenatural de uma metamorfose ter concretizado-se. Mais do que isso, amedronta até mesmo cogitar essa hipótese, já que a violência praticada tão naturalmente contra o animal soa inconcebível ao visualizar, em seu lugar, a criança. Segundo Maciel (2023, p. 187), em entrevista à Paola Poma, uma explicação para essa banalização da violência contra a borboleta seria que:

A concepção antropocêntrica de racionalidade, predominante na história do pensamento ocidental, estabeleceu essa dicotomia a que você se refere [humanidade VS animalidade]. E as consequências dela advindas foram muitas: a hierarquização dos viventes, a coisificação dos seres considerados desprovidos de razão, o controle da vida/morte dos que não se inserem nos espaços demarcados de humano e humanidade.

Ou seja, só são considerados dignos de viver aqueles seres que encaixam-se dentro desses espaços humanizados, caso contrário, são vistos como "coisas", localizadas abaixo em tal hierarquia. E, em *Mariposas*, é justamente a indicação de uma possível inversão dessa hierarquia que causa a inquietação.

Diferente de *Mariposas*, já em *Pássaros Na Boca* (SCHWEBLIN, 2022), não há vacilação quanto ao evento transgressor ser ou não sobrenatural, pois nada do que é narrado localiza-se no campo do impossível ou avesso às leis da física. O que encontramos nessa história é um exemplo de quebra de leis lógicas somente. Partindo novamente da relação entre pais e filhas, o conto de Schweblin narra a história de Martín, que é chamado à casa de sua ex-esposa, Silvia, para testemunhar algo bizarro que ocorre com sua filha, Sara: ela come pássaros vivos. Ao chegar ao local, a mãe ameaça matar a menina e a si mesma caso o pai não leve-a para viver em sua casa, oferecendo em troca continuar fornecendo os passarinhos que constituem a dieta da filha. Além da quebra de normas sociais por parte de Sara - já que, na cultura em que estão inseridos os personagens, não é comum consumir carne de aves que não foram antes abatidas e cozidas -, observa-se também o rompimento de "leis psicológicas", perante à atitude estranha dos pais de seguirem passivamente alimentando a filha com pássaros vivos, sem buscar ajuda de médicos e psicólogos, por exemplo (CERON, 2018). Assim, trata-se da manifestação do metaempírico, já que os acontecimentos - por mais insólitos e improváveis que sejam -, não deixam de ser possíveis e, assim, mais próximos da nossa realidade extratextual, exponenciando o efeito de inquietação nos leitores (ROAS, 2014). Além disso, vale destacar também a representação da animalização na figura de Sara, caracterizada por estar constantemente olhando para o jardim pela janela, como se fosse - assim como os pássaros que comia - um animal enjaulado (CERON, 2018). Visão essa reforçada pelo tratamento que recebe do pai, sujeito que além de tentar encontrar uma fonte de alimentação alternativa pra filha na seção de animais de estimação do supermercado - como se fosse, de fato, um *pet* que ele criasse -, também compara a menina com uma "atração de circo" e com "esses insetos que são caçados na infância e guardados em potes de vidro até que o ar acabe" (SCHWEBLIN, 2022, p. 44). A impressão gerada a partir dessa caracterização é a de que, ao ver a filha hibridizada com características animais, soa bem mais fácil para esse pai tratá-la com a mesma atitude descuidada e até mesmo violenta dedicada ao manejo da borboleta no conto anterior. Segundo Pacheco (2016), tais ações justificam-se pela associação entre o hibridismo de humanos e animais à ideia de monstruosidade, que ocorre quando há uma violação dos limites morais, sociais e estéticos estabelecidos: "dessa forma, a monstruosidade funcionaria como um estratagema para rotular tudo que infringe os limites

culturais de certo grupo” (PACHECO, 2016, p. 70-71). Ou seja, a violência cometida contra a borboleta no primeiro conto - humanizada pela hipótese da metamorfose - causa espanto, enquanto a possível violência contra a menina do segundo texto - animalizada pelos paralelos com animais enjaulados - é naturalizada devido à sua visão como monstruosidade.

4. CONCLUSÕES

Diante dos resultados apresentados, constata-se a versatilidade da escritura de Samanta Schweblin, que permite a observação e o estudo do fantástico manifestado nas diferentes concepções que esse termo dinâmico pode abrigar, sejam as mais clássicas, como a de Todorov, ou as que contrapõem sua teoria, como as novas perspectivas fantásticas aqui destacadas.

Para mais, as manifestações de animalização presentes em *Mariposas e Pássaros Na Boca* - entre outros títulos de sua contística - também propiciam a reflexão crítica acerca de temas pertinentes e extremamente relevantes na atualidade. Entre eles, destaca-se a necessidade de pensar-se uma convivência mais consciente não só com os demais seres humanos com quem convivemos - que muitas vezes tornam-se alvo de violência devido à desumanização/animalização a que são submetidos quando desviam-se das normas socialmente impostas -, mas igualmente com outras formas de vida, também muitas vezes menosprezadas pela tendência à hierarquização antropocentrada, aspectos que ficam nítidos através da representação da "fauna fantástica" de Samanta Schweblin.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARRENECHEA, A. M. Ensayo de una tipología de la literatura fantástica. **Revista iberoamericana**, v. 38, n. 80, p. 391-403, 1972. Acesso em 19 ago. 2025. Disponível em: <https://shre.ink/ehEo>.
- CERON, L. C. **Um mundo perturbador e violento: uma leitura dos contos de Samanta Schweblin**. 2018. Disponível em: <https://shre.ink/ehRs>. Acesso em 19 ago. 2025.
- FURTADO, Filipe. **FANTÁSTICO (MODO)**, E-Dicionário de Termos literários de Carlos Ceia, 2009. Acesso em 19 ago. 2025. Disponível em: <https://shre.ink/ehRT>.
- MACIEL, M. E. **Animalidades: zooliteratura e os limites do humano**. Editora Instante, 2023.
- PACHECO, R. B. C. L. et al. **A presença do animal na produção contística e cinematográfica de Gabriel García Márquez (saberes animais e bestiários)**. 2016. Acesso em 19 ago. 2025. Disponível em: <https://shre.ink/txGG>.
- ROAS, D. **A ameaça do fantástico: aproximações teóricas**. Tradução de FUKS, J. São Paulo: Editora Unesp, 2014.
- SCHWEBLIN, S. *Mariposas*. In: QUIROGA, M. S. et al (Org.). **Lengua y Literatura 3: Prácticas del lenguaje 2.º/3º**. Buenos Aires: Mandioca, 2020.
- SCHWEBLIN, S. **Pássaros na boca e Sete casas vazias: Contos reunidos**. Tradução de TERRON, J. R. São Paulo: Fósforo, 2022.
- SILVA, A. M. M. A simbologia do animal na construção da personagem: o real e o irreal no conto “Tigrela” de Lygia Fagundes Telles. **A Cor das Letras**, v. 18, n. 1, p. 41-56, 2017. Acesso em 19 ago. 2025. Disponível em: <https://shre.ink/txGA>.